

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – GRAU: LICENCIATURA

LARISSA ESTER CARVALHO TEIXEIRA

**PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL: uma
revisão de literatura**

UBERLÂNDIA – MG

2025

LARISSA ESTER CARVALHO TEIXEIRA

**PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL: uma
revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso
de Graduação em Educação Física da
Universidade Federal de Uberlândia.

Profª Drª Marina Ferreira de Souza
Antunes

UBERLÂNDIA – MG

2025

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão primeiramente a Deus, porque sei que Ele me sustentou, me deu força e graça para concluir essa jornada. A minha família e amigos por me apoiarem e estarem comigo em todos os momentos ao longo dessa jornada, por me sustentarem, por não me deixar desistir, por me ajudar a manter firme, aguentar meus surtos e estresses. Aos meus professores e às minhas professoras, em especial a minha orientadora Prof^ª Dr^a Marina Ferreira de Souza Antunes, que me guiou durante todo esse processo e a banca com as Prof^ª. M^a Aline Nicolino e Prof^ª. Dr^a Gabriela Machado por terem aceitado o convite.

“A gente tem que chorar para sorrir no fim”.

Marta Vieira da Silva, Eliminatória da Copa do Mundo de 2019.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a produção acadêmica sobre a profissionalização do futebol de mulheres no Brasil, nos últimos 10 anos (2015 a 2025). Como objetivos específicos traçamos: 1) localizar os artigos que abordam o tema em estudo; 2) escolher os textos que serão analisados; 3) organizar o material selecionado; e 4) realizar a análise dos dados obtidos. Pode ser caracterizada como uma pesquisa bibliográfica e descritiva. Para análise dos dados, foi utilizada a abordagem qualitativa. A coleta de dados foi em plataformas acadêmicas como o *Google Acadêmico* e o *SciELO*, com foco em artigos relacionados ao tema. Problemática as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para praticarem o futebol e como tem se dado o seu processo de profissionalização. Diante das adversidades para promover a igualdade e reconhecimento. Traz o que as pesquisas da área apresentam sobre a temática, a partir dos 6 artigos selecionados para análise. Nestes artigos foram identificadas as seguintes categorias: estigmatização, superação, resistência, lutas, desafios, desigualdade de gênero, as quais balizaram nossas análises. Sob essa perspectiva, o futebol de mulheres tem avançado, mas o caminho ainda é permeado por desafios que exigem muita coragem e determinação das jogadoras. Cada passo que elas dão é uma prova de superação, enfrentando barreiras, desigualdade de gênero e obstáculos com uma força impressionante.

Palavras-Chaves: Educação Física, Desigualdade de Gênero, Desafios.

Abstract

This study aims to analyze the academic production regarding the professionalization of women's soccer in Brazil over the last 10 years (2015 to 2025). The specific objectives outlined are: 1) to locate articles addressing the topic under investigation; 2) to select the texts for analysis; 3) to organize the selected material; and 4) to conduct the analysis of the obtained data. This research can be characterized as a bibliographic and descriptive study. A qualitative approach was employed for data analysis. Data collection was conducted on academic platforms such as Google Scholar and SciELO, with a focus on articles related to the theme. This study problematizes the difficulties faced by women in practicing soccer and the manner in which their professionalization process has unfolded, considering the adversities in promoting equality and recognition. It presents the findings of research in the field regarding this thematic, based on the six articles selected for analysis. The following categories were identified within these articles: stigmatization, overcoming obstacles, resistance, struggles, challenges, and gender inequality, which guided our analyses. From this perspective, women's soccer has advanced, but the path remains fraught with challenges that demand significant courage and determination from the players. Each step they take is evidence of overcoming obstacles, confronting barriers, gender inequality, and impediments with impressive strength.

Keywords: Physical Education, Gender Inequality, Challenges.

Sumário

1- Introdução.....	8
2- Procedimentos Metodológicos	14
3- Profissionalização do Futebol Mulheres no Brasil: o que aponta a literatura.....	16
4- Conclusão	35
5- Referências	37

1- Introdução

A escolha desse tema vem de algo pessoal meu, pois jogar futebol sempre foi um sonho e uma paixão minha. Em 2019, tive uma oportunidade de jogar futsal fora da escola. Conheci o Uberlândia Tenis Clube (UTC) e comecei a fazer musculação, foi meu primeiro contato com o esporte fora da escola. Essas oportunidades fizeram com que essa chama apenas cresceu mais dentro de mim. Joguei vários campeonatos, o que mais me marcou foi a Copa Uberaba, na qual fomos campeãs, até saímos no jornal aqui de Uberlândia, porém com a pandemia, tudo parou. Quando as atividades foram retomadas não pude voltar, pois já era maior de idade e as aulas do UTC atendem apenas até o sub-17. Entretanto, outro sonho se realizou, consegui ser aprovada para o Curso de Graduação em Educação Física e me inseri no time da universidade, ou seja, outro sonho realizado, que é jogar pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) nos Jogos Universitários Mineiros (JUMS), pela Associação Atlética Acadêmica Educação Física UFU, que jogo as Olimpíadas UFU, já joguei os Jogos Universitários de Catalão (JUC), Liga Interatléticas Universitárias (LIU) e no ano de 2025, a Copa das Intertlélicas Universitárias (CIA). E toda essa ligação com o futebol me favoreceu não apenas na escolha do curso, mas também para o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso.

A história do futebol mulheres é marcada por superação e conquistas, mas também por muitos obstáculos e preconceitos. Embora as mulheres já jogassem futebol de maneira amadora desde o início do século XX, foi somente a partir da década de 1980 que o esporte de Mulheres começou a ser levado mais a sério e a ganhar reconhecimento, especialmente no Brasil. Antes disso, o futebol de Mulheres no Brasil enfrentou grandes dificuldades, como a proibição formal em 1941, imposta pelo próprio presidente da república, que na época era o Vargas, que refletia a ideia comum de que o futebol era “coisa de homem” no qual a mulher foi feita para ficar em casa, com um papel 100% maternal, que o próprio corpo da mulher não ideal para tal atividade, que dizia:

Art. 53. É dever das entidades desportivas, que abranjam desportos de prática profissional, organizar a superintendência técnica das atividades amadoras correspondentes e realizar torneios e campeonatos exclusivamente de amadores.

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este

efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Brasil, 1941).

Além disso, a falta de investimento, de infraestrutura e de visibilidade na mídia dificultou bastante o crescimento e a profissionalização das jogadoras.

Em 1979 o decreto foi revogado, mas, a mudança começou a partir da década de 1980, quando clubes como o Esporte Clube Radar ajudaram a popularizar o futebol de Mulheres, e a Seleção Brasileira Feminina foi oficialmente criada em 1988. A primeira Copa do Mundo Feminina, realizada em 1991, na China, foi um marco importante, elevando o nível do futebol de mulheres no cenário internacional e abrindo portas para um reconhecimento maior das atletas. No entanto, mesmo com esses avanços, o futebol de mulheres ainda se desenvolvia de maneira desigual em relação ao masculino, recebendo menos visibilidade, apoio financeiro e oportunidades (Detoni, 2021).

Nos anos 2000, o futebol feminino no Brasil começou a ganhar mais força, especialmente com o vice-campeonato na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2007, que destacou o talento das jogadoras brasileiras. A criação de ligas profissionais e o aumento de investimentos trouxeram mais estrutura e melhores condições para as atletas. Em 2019, a Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na França, consolidou o futebol de mulheres como um fenômeno global, atraindo milhões de espectadores e mostrando ao mundo a importância e o valor das mulheres no esporte (Detoni, 2021).

Apesar dessas mudanças, o futebol feminino ainda enfrenta desafios. A desigualdade em termos de apoio e visibilidade em relação ao masculino é evidente, e ainda há muito a ser feito para alcançar uma verdadeira equidade entre o masculino e o feminino neste esporte. Contudo, a trajetória de crescimento e conquistas demonstra que, mesmo diante das dificuldades, o futebol feminino está ocupando o espaço que merece no cenário esportivo, tanto no Brasil quanto no mundo, e continua a inspirar novas gerações de atletas (Bagno, 2014).

Muitas mulheres ainda enfrentam dificuldades no mundo do esporte, como condições de trabalho inadequadas, falta de incentivo, preconceito e desrespeito. Um aspecto importante abordado por pesquisas recentes é o impacto do ciclo menstrual no desempenho físico. Durante o ciclo menstrual, as mulheres podem passar por alterações emocionais e físicas que afetam sua performance, com variações na força, velocidade e resistência (Bagno, 2014).

O preconceito também é um grande obstáculo, já que ainda existe uma visão distorcida sobre o papel das mulheres no esporte. Essas ideias preconcebidas muitas vezes

desvalorizam o esforço e o talento feminino, dificultando o reconhecimento merecido. Outro desafio que muitas atletas enfrentam é a questão da gravidez, como no caso da jogadora Alex Morgan, que, após a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, teve que conciliar sua gestação com a preparação para os Jogos Olímpicos. Sua história desperta uma questão importante: até que ponto é possível para atletas de alto rendimento manterem sua forma física durante e após a gravidez? (Ferreira, 2020).

Esse tema foi escolhido por estar diretamente ligado à minha própria experiência, já que passei e ainda estou passando por esse processo, que até agora não me trouxe resposta positiva. Além disso, acredito que ele seja muito importante para o estudo da profissionalização do futebol de mulheres no Brasil. Entender essas dificuldades e obstáculos de perto me faz perceber o quanto é necessário discutir e aprofundar o assunto para ajudar na produção científica dessa área, que ainda apresenta muitas lacunas.

Como alguém que está vivendo de perto os desafios da profissionalização no futebol de mulheres no Brasil, entendo profundamente a importância de investigar este tema de forma científica. A minha própria jornada e as dificuldades que enfrento até agora para obter reconhecimento e sustentabilidade como jogadora são um reflexo das barreiras que muitas mulheres enfrentam neste esporte.

A pesquisa científica se torna crucial porque pode trazer à luz dados concretos sobre as disparidades de investimento, acesso a recursos adequados e oportunidades de desenvolvimento que limitam a ascensão das mulheres no futebol. Essas informações são vitais para impulsionar políticas públicas mais eficazes e programas de apoio que não só promovam a igualdade de gênero, mas também criem condições equitativas para o crescimento profissional no esporte.

Além de fomentar políticas, a pesquisa científica ajuda a expandir nosso conhecimento sobre o futebol de mulheres como um todo. Ao explorar as dificuldades específicas que estão explicitadas nos artigos aqui investigados, abrem-se novas possibilidades para inovação e desenvolvimento, tanto no campo esportivo quanto nas esferas sociais e culturais. É uma oportunidade de não apenas superar desafios, mas também de transformar percepções e abrir caminhos para futuras gerações de jogadoras.

O impacto do futebol vai além das vitórias e derrotas. Ele molda a maneira como somos vistas e como vemos a nós mesmos como mulheres no esporte. Compreender e enfrentar esses desafios não é apenas uma questão de justiça, mas também de crescimento econômico e social. É sobre construir um futuro em que todas as meninas e mulheres que sonham em jogar profissionalmente possam fazê-lo em condições justas e igualitárias.

Portanto, a pesquisa científica não é apenas uma necessidade acadêmica, mas uma necessidade pessoal e coletiva de quebrar barreiras e promover mudanças que beneficiem não apenas o futebol de mulheres, mas toda a sociedade. É sobre transformar desafios em oportunidades e construir um legado de igualdade e inclusão no esporte que amamos.

Mais do que um estudo acadêmico, é uma reflexão sobre as vivências de muitas mulheres que lutam por um espaço no futebol e no esporte em geral. Assim, minha intenção é contribuir para o crescimento do futebol de mulheres no Brasil, trazendo uma visão que mescla a história do esporte com a minha própria experiência pessoal relacionando com a produção acadêmica sobre o tema.

Considerando o panorama apresentado e os desafios históricos, sociais e culturais indagamos: mediante as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para praticarem o futebol como tem se dado o seu processo de profissionalização? Diante das adversidades é possível promover a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das jogadoras? O que as pesquisas da área apresentam sobre essa temática?

Considerando o escopo desta pesquisa não podemos responder a todas essas indagações. Sendo assim, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar a produção acadêmica sobre a profissionalização do futebol de mulheres no Brasil.

Para alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa, foram definidas algumas etapas específicas: 1) localizar os artigos que abordam o tema em estudo; 2) escolher os textos que serão analisados; 3) organizar o material selecionado; e 4) realizar a análise dos dados obtidos.

Este texto está organizado da seguinte maneira: 1) Na introdução é destacado alguns aspectos da trajetória da autora, bem como os desafios do futebol de mulheres e a importância da pesquisa para contribuir no seu processo de profissionalização; 2) No item denominado Procedimentos metodológicos são apresentados o tipo de pesquisa que caracteriza esse estudo e os procedimentos adotados para alcançarmos os objetivos propostos 3) No item Profissionalização do Futebol de mulheres no Brasil: o que aponta a literatura, foram realizadas buscas nas plataformas acadêmicas *Google Acadêmico* e o *SciELO* em busca de *insights* sobre o futebol de mulheres. Após a organização começamos a fase de análise, na qual aprofundamos o estudo de cada um dos 6 artigos escolhidos. Depois de selecioná-los, fizemos uma análise detalhada, organizando as informações em um quadro contendo as seguintes informações: título, ano de publicação, local de publicação, tipo de pesquisa e autoria; 4) A Conclusão aponta que o futebol de mulheres no Brasil tem sofrido modificações ao longo de sua história, porém, ainda enfrenta desafios significativos. As jogadoras persistem na luta por reconhecimento e igualdade, enfrentando preconceitos e a falta de apoio. Entendemos que para que o processo de profissionalização do futebol de mulheres se desenvolva, a níveis já alcançados pelo futebol masculino é crucial investir mais, promover inclusão e garantir

maior visibilidade ao esporte, e, por fim, listamos as referências que foram utilizadas ao longo do texto.

2- Procedimentos Metodológicos

Este trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa bibliográfica e descritiva, que de acordo com Gil (2002, p. 42) estas pesquisas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Ele complementa que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, como é o caso da presente pesquisa.

Gil (2002) aponta que as pesquisas descritivas têm um papel fundamental na compreensão de diferentes aspectos de um fenômeno. Outro foco importante desse tipo de pesquisa é identificar possíveis relações entre diferentes variáveis.

Acerca das informações do universo a ser estudado, foram selecionados artigos que exploram os temas que envolvem toda questão do profissionalismo do futebol de mulheres no Brasil. Foram buscados artigos pelas seguintes palavras-chaves: Educação Física, Profissionalização no Futebol de mulheres no Brasil, Desigualdade de Gênero no futebol, História do Futebol de mulheres, Aspectos Fisiológicos do Futebol de mulheres. Os meios utilizados para obtenção dos dados foram as plataformas: *Google Acadêmico* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*.

Após a identificação dos textos foi feita uma seleção daqueles que foram submetidos à análise. A seleção foi feita por meio da leitura do título do texto e do resumo desses artigos. Foram considerados aqueles que agregam ao objetivo de produção acadêmica que tratamos nesse trabalho. Após essa seleção, todo o material foi organizado numa planilha do *Excell* com o intuito de se iniciar a análise de dados. Essa organização foi feita considerando os seguintes itens: título, ano de publicação, local de publicação, tipo de pesquisa e autoria. A ordem de apresentação dos artigos, no quadro construído a partir da planilha, foi de acordo com o ano e o local de publicação (revistas), sendo que um artigo publicado em anais de evento aparece por último no quadro.

Para análise dos dados, foi utilizada a abordagem qualitativa. A análise qualitativa possui um caráter menos formal em comparação com a análise quantitativa, pois nesta última os passos podem ser delineados de maneira relativamente clara. A análise

qualitativa, por sua vez, depende de diversos fatores, como a natureza dos dados obtidos, o tamanho da amostra, os métodos de pesquisa utilizados e os pressupostos teóricos que orientaram o estudo. Ainda assim, esse processo pode ser descrito como uma série de etapas, que incluem a redução dos dados, a categorização dos mesmos, sua interpretação e a elaboração de um relatório final (Gil 2002).

Assim, nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca não apenas compreender, mas também destacar e analisar a produção acadêmica sobre a profissionalização do futebol de mulheres no Brasil.

3- Profissionalização do Futebol de Mulheres no Brasil: o que aponta a literatura

Como mencionamos anteriormente, as buscas foram realizadas nas plataformas acadêmicas *Google Acadêmico* e o *SciELO* em busca de *insights* sobre o futebol de mulheres. Inicialmente, ao pesquisar amplamente por "futebol de mulheres" no *Google Acadêmico*, ficamos impressionadas com os 16.800 resultados encontrados. Diante dessa riqueza de informações, focamos em ajustar a busca na profissionalização dentro desse contexto específico. Foi escolhido usar o termo "futebol de mulheres" entre aspas e limitar os resultados em um recorte temporal que abrange os últimos 10 anos (2015 a 2025), o que nos levou a 270 documentos, que estão relacionados ao tema, seja nos títulos ou nos resumos.

No *Google Acadêmico*, os documentos foram encontrados, seguiram categorizados da seguinte forma: 108 artigos, 50 TCCs, 36 revistas, 31 citações, 14 dissertações, 10 teses, 7 monografias, 6 dossiês, 3 livros, 2 anais, 1 relatório de pesquisa, 1 simpósio e 1 resenha crítica. Essa variedade permitiu explorar diferentes perspectivas acadêmicas sobre a profissionalização no futebol, enriquecendo essa pesquisa com diversas fontes. Delimitamos, inicialmente, nossa busca somente nos artigos. Dos 108 artigos, ao inserirmos as palavras-chave "educação física e futebol de mulheres", foram encontrados 4 artigos que se alinhavam aos objetivos do trabalho.

Além disso, no *Scielo*, onde inicialmente foi encontrado 10 artigos ao delimitarmos a busca por "educação física e futebol de mulheres", identificamos apenas 2 que foram considerados para nossa análise. Desta forma, o *corpus* ficou limitado à análise de 6 artigos, sendo 4 advindos da plataforma *Google Acadêmico* e 2 do *Scielo*.

Após a organização começamos a fase de análise, na qual aprofundamos o estudo de cada um dos 6 artigos escolhidos. Depois de selecioná-los, fizemos uma análise detalhada, organizando as informações em um quadro contendo as seguintes informações: título, ano de publicação, local de publicação, tipo de pesquisa e autoria. Essa organização pode ser vista no quadro a seguir:

Quadro 1 – Artigos Selecionados

TÍTULO	ANO DE PÚBLICAÇÃO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TIPO DE PESQUISA	AUTORIA
Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman	2015	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Sociológica	Leila Salvini Juliano de Souza Wanderley Marchi Júnior
“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro	2016	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Pesquisa Qualitativa	Leila Salvini Wanderley Marchi Júnior
“Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?” histórias do futebol de mulheres no Brasil	2020	CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais	Pesquisa Histórica e Documental	Caroline Soares de Almeida, Thais Rodrigues de Almeida
Mulheres e Futebol no Brasil: Descontinuidades, Resistências e Resiliências	2021	Revista de Educação Física da UFRGS	Pesquisa Qualitativa e Histórica	Silvana Vilodre Goellner
Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro	2022	Revista OpenEdition Journals	Pesquisa Qualitativa	Caroline Soares de Almeida
A Representatividade Feminina na Estrutura Organizacional dos Clubes de Futebol Brasileiros	2019	XIX USP International Conference in Accounting	Pesquisa Qualitativa	Mônica Cristiane de Oliveira, Denize Demarche Minatte Ferreira, Sarah Amaral Fabricio e José Alonso Borba

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo o artigo, Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol de mulheres, a Salvini, o Souza e o Marchi Júnior (2015) utilizam a teoria da ação social de Erving Goffman como procedimento de análise, a qual foi empregada com conceitos e noções operatórias como, por exemplo: comportamentos regionais, região de fachada, bastidores, representação social e estigma.

O artigo explora como as jogadoras de futebol no Brasil lidam com expectativas sociais sobre sua aparência e comportamento dentro e fora de campo. Os autores e a autora analisam a participação feminina no futebol a partir da teoria de Erving Goffman, destacando a diferença entre os bastidores (onde as atletas são mais autênticas e livres das pressões externas) e a fachada (onde precisam se apresentar de uma forma que seja socialmente aceita).

Apesar dos avanços, o futebol de mulheres ainda carrega o peso de estereótipos e estigmas, historicamente, a modalidade foi marginalizada e até proibida para mulheres no Brasil, e, mesmo após sua legalização, a aceitação do público e da mídia veio com condições, as jogadoras são constantemente incentivadas a reforçar sua feminilidade para evitar preconceitos, e é nítido essa visão no artigo. Isso significa que, além de jogar bem, muitas sentem a necessidade de se preocupar com a aparência, usando cabelos longos, unhas feitas e até maquiagem, mesmo em um esporte que exige desempenho físico intenso. Essa exigência vem tanto da mídia, que privilegia imagens de jogadoras que se encaixam no padrão tradicional de beleza, quanto de dirigentes e patrocinadores, que veem nisso uma estratégia de *marketing*.

O texto também mostra que existe um contraste entre os bastidores e a fachada no futebol de mulheres. Nos bastidores, como vestiários e treinos, as jogadoras se comportam de forma mais natural, longe dos olhares da mídia e do público. É um espaço onde a preocupação maior está no jogo, na técnica e na preparação física. Já na fachada, os jogos, eventos e interações públicas, a representação muda. Há uma pressão para que as jogadoras reforcem características tradicionalmente femininas para tornar o esporte mais “aceitável” e atrair mais investimentos.

Um exemplo analisado no artigo foi o ensaio fotográfico sensual das jogadoras do Santos Futebol Clube para um calendário comemorativo. A ação reforçou a ideia de que a visibilidade do futebol de mulheres muitas vezes depende da exploração da imagem das atletas como mulheres atraentes, em vez de suas habilidades esportivas.

Um caso semelhante aconteceu na Espanha, segundo O Globo Esportes (2016):

Os calendários sensuais se tornaram uma iniciativa para equipes femininas, com poucos recursos, arrecadarem um bom dinheiro. Foi o caso do Lorca Deportiva Féminas, time da Espanha que disputa a Segunda Divisão no país. As atletas fizeram fotos com pouca roupa ou só de lingerie para um calendário de 2016, que estará disponível a partir desta sexta-feira. Esta será a segunda vez que o clube cria um almanaque semelhante, o primeiro aconteceu em 2014. O próprio site do Lorca Deportiva Féminas afirma que o calendário “não deixará ninguém indiferente”, ou seja, vai chamar a atenção das pessoas. Pelas redes sociais, a equipe deu uma prévia das belas fotos de suas atletas. Cada peça vai custar 10 euros (cerca de R\$ 43) e a tiragem inicial é de 500 calendários. (s/p).

O artigo concluiu que o futebol de mulheres no Brasil ainda está preso a uma dinâmica de dominação masculina, em que as jogadoras precisam equilibrar seu talento esportivo com as expectativas sociais sobre feminilidade. Enquanto no campo elas lutam para serem reconhecidas pelo seu desempenho, fora dele ainda precisam provar que podem ser femininas e jogadoras ao mesmo tempo. Essa realidade levanta um questionamento importante: por que as mulheres precisam se preocupar com sua aparência para serem aceitas no esporte, enquanto os homens são valorizados apenas pelo seu talento? O estudo mostra que, para muitas jogadoras, ser atleta não é só uma questão de treinar e competir e é também um desafio constante contra estereótipos e preconceitos.

Diante dessa conclusão foi possível observar como foi criada pela sociedade uma figura de como a mulher ser ou não ser e até mesmo de como deve se portar, Goellner (2003), abrange um pouco disso quando fala sobre a imagem da mulher difundida na revista de Educação Física: *Bela, Materna e Feminina: imagens da mulher*:

Sobre essa nova possibilidade, ou até mesmo imposição para a mulher, apontada pelo periódico, é que a autora analisa o imperativo da maternidade, partindo de duas representações, divulgadas pela Revista, para afirmar o modelo que se pretendia forjar: a mulher-mãe e a mãe-cívica. Tais representações são produto das práticas higienistas, eugênicas e cívicas associadas às imagens da mulher que é ou será mãe, produzidas ou reproduzidas pelo periódico. Enquanto a representação da mulher-mãe está voltada para o fortalecimento da raça no que diz respeito à saúde, ao vigor físico e à eficiência dos indivíduos frente aos obstáculos da vida e do mundo do trabalho produtivo, a representação da mãe-cívica adquire voz, quando esta incorpora e defende o discurso oficial da preservação da soberania e da honra nacional. (p. 152).

E voltada para a área do futebol, as mulheres iniciaram uma jornada para quebrar todos esses estereótipos e preconceitos já implantados pela sociedade e pela própria história.

A estigmatização ainda é um grande desafio para a profissionalização no futebol de mulheres. Muitas jogadoras sentem a necessidade de reforçar sua feminilidade para serem aceitas, já que o esporte, historicamente dominado por homens, ainda impõe barreiras culturais. Segundo Salvini; Souza; Marchi Júnior (2015), essa realidade pode ser explicada pela teoria de Erving Goffman, que diferencia os momentos em que as atletas precisam se encaixar em expectativas sociais (fachada) e aqueles em que podem ser mais autênticas (bastidores). Apesar dos avanços, o futebol de mulheres ainda luta contra a priorização da aparência sobre o talento. Um exemplo claro disso são os ensaios fotográficos sensuais, como o do Santos Futebol Clube, e iniciativas similares em clubes da Espanha, mostrando como a visibilidade da modalidade muitas vezes depende da imagem das jogadoras, ao invés de suas habilidades.

Essa situação reflete um problema mais amplo sobre o papel da mulher na sociedade. Durante muito tempo, padrões de comportamento ligados à maternidade e à delicadeza limitaram as oportunidades femininas em áreas tradicionalmente masculinas, como o futebol, conforme aponta Goellner (2003). No entanto, as jogadoras continuam resistindo, mostrando que sua presença no esporte não deve ser medida pela aparência, mas pelo talento e dedicação. Apesar das dificuldades, a modalidade vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento, mas ainda há um longo caminho a percorrer para que as mulheres no futebol sejam valorizadas apenas pelo que fazem dentro de campo.

No artigo denominado “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro, busca entender os desafios e motivações que as jogadoras de futebol no Brasil enfrentam. Para isso, foram entrevistadas quatro atletas de um clube amador de Curitiba-PR, que já defenderam a

seleção brasileira. A pesquisa destacou como o preconceito de gênero e a falta de incentivo ainda são barreiras para essas mulheres, ao mesmo tempo em que evidencia sua resiliência e paixão pelo esporte. Não é à toa, que muitas se identificam como "guerreiras". (Salvini; Marchi Júnior, 2016).

O futebol feminino no Brasil pelo seu contexto histórico sempre enfrentou dificuldades, preconceito e até mesmo proibições, e foi isso que aconteceu durante as décadas, entre 1941 e 1979, quando a prática foi proibida por lei. Mesmo depois disso, as jogadoras continuaram a enfrentar preconceitos, principalmente em relação à feminilidade e à sua presença em um esporte historicamente dominado pelos homens. Além disso, a modalidade ainda sofre com a falta de visibilidade na mídia e a escassez de apoio financeiro. (Salvini; Marchi Júnior, 2016).

A pesquisa foi feita por meio de entrevistas realizadas com quatro jogadoras que atuaram entre os anos de 2005 e 2011. As perguntas abordaram temas como preconceito, desafios e possíveis mudanças no cenário do futebol de mulheres. A análise dos relatos foi baseada na teoria do sociólogo Pierre Bourdieu (1983), especialmente nos conceitos de *habitus*, campo, violência simbólica e dominação masculina.

Nesse artigo foi possível extrair como principais resultados e reflexões sobre a profissionalização do futebol de mulheres 4 aspectos: uma primeira questão está relacionada aos preconceitos e discriminações, que se manifestam em olhares e comentários sobre a feminilidade das atletas, até dúvidas sobre a possibilidade de viver do futebol. Outra questão apontada no artigo é a falta de incentivo, infraestrutura e um calendário regular de competições. Uma vez que sem um calendário estabelecido e com poucos patrocinadores, muitas jogadoras precisam conciliar o futebol com outras profissões para se sustentarem. Para os autores seria necessário um maior investimento financeiro e patrocínio, o envolvimento de clubes masculinos e a presença de mulheres em cargos esportivos, neste caso reduzindo a dominação masculina na administração esportiva.

Essa questão apontada no texto remonta aquilo que a Confederação Brasileira de Futebol, tem utilizado como regra a exigência que a partir de 2019, para disputar os campeonatos, os clubes de futebol passaram a ser obrigados a manter uma equipe feminina. Segundo Chamusca (2022) essa regra também foi adotada nas regulamentações da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que incluiu essa exigência no seu Regulamento de Licença de Clubes:

D.11 – Equipe principal feminina: O Clube Requerente deverá contar com uma equipe principal feminina ou manter acordo de parceria ou associação com um clube que mantenha uma equipe feminina principal estruturada, da melhor forma que puder desenvolver o esporte. Nesse sentido, o Clube Requerente idealmente proverá as condições necessárias para o desenvolvimento adequado de referida equipe principal feminina, como, por exemplo, suporte técnico, seguro saúde, equipamentos e infraestrutura (campo para treinamento e local para disputa das partidas oficiais etc.), devendo informar à CBF o orçamento anual destinado ao futebol feminino. O Clube Requerente deverá demonstrar que a equipe principal feminina efetivamente disputa competições oficiais autorizadas pela CBF ou por Federações Estaduais. (Chamusca, 2022, s/p).

O terceiro aspecto apontado, foi a questão da masculinização de algumas jogadoras, que relataram que a forma como se vestem e se comportam fora de campo pode influenciar a maneira como são percebidas pelo público, reforçando estereótipos sobre a masculinização no futebol de mulheres. Por último foi identificado, o peso que a seleção brasileira causa, pois as jogadoras que chegaram à seleção perceberam uma mudança na forma como eram vistas e respeitadas, mas esse reconhecimento nem sempre se traduz em retorno financeiro adequado.

A conclusão do artigo é que apesar dos desafios as jogadoras de futebol no Brasil seguem lutando por espaço e reconhecimento. A palavra "guerreira" foi repetidamente usada pelas entrevistadas para definir a mulher que se dedica ao futebol, enfrentando barreiras sociais e estruturais. O crescimento da modalidade depende da criação de uma cultura de consumo e investimento, além de uma mudança na percepção da sociedade sobre o futebol de mulheres. O estudo reforça a necessidade de políticas públicas, incentivos e mudanças na mentalidade esportiva para que o futebol de mulheres conquiste mais reconhecimento e um futuro sustentável no Brasil.

Um exemplo nítido que podemos citar, é a história de vida da jogadora Marta, Marta. Segundo Moncau (2023), Marta Vieira da Silva, ou simplesmente Marta, é muito mais do que uma jogadora de futebol, é um símbolo de resistência, talento e paixão pelo esporte. Nascida em 1986, na pequena cidade de Dois Riachos, Alagoas, cresceu em meio a dificuldades, mas nunca deixou que isso apagasse seu sonho. Desde criança, encantava a todos com sua habilidade, jogando descalça pelas ruas, sem se importar com as críticas ou o preconceito por ser uma menina apaixonada pelo futebol.

Aos 14 anos, decidiu dar um passo gigante: deixou sua terra natal e foi para o Rio de Janeiro em busca de uma oportunidade no futebol profissional. O caminho não foi fácil. Enfrentou dificuldades financeiras, a falta de incentivo ao futebol feminino e o

ceticismo de muitos que não acreditavam que uma mulher pudesse brilhar nos gramados, mas Marta não desistiu. Com talento e dedicação, começou a se destacar e logo passou a vestir a camisa da Seleção Brasileira. Desde 2002, ela tem sido peça fundamental na história do futebol feminino, representando o Brasil em Copas do Mundo e Olimpíadas. Além de brilhar com a amarelinha, construiu uma carreira internacional de enorme sucesso, jogando em clubes renomados, como o *Umeå IK*, na Suécia, onde ganhou destaque mundial. (Moncau, 2023).

De acordo com Moncau (2023) Marta não é apenas uma craque dentro de campo. Fora dele, ela se tornou uma voz forte na luta pela valorização do futebol de mulheres e pela igualdade de gênero no esporte. Com seis prêmios de Melhor Jogadora do Mundo pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), ela provou que talento e dedicação podem superar qualquer obstáculo, mais do que títulos e recordes, Marta é inspiração para gerações inteiras de meninas que sonham em jogar futebol, mostrando que lugar de mulher é onde ela quiser inclusive, no topo do mundo.

As jogadoras de futebol de mulheres no Brasil enfrentam uma luta diária por reconhecimento e espaço no esporte. Como mostra o artigo "Guerreiras de Chuteiras", elas lidam com o preconceito, a falta de incentivo e a escassez de oportunidades, mas não desistem do sonho de viver do futebol. Mesmo com avanços, como a exigência da CBF para que clubes tenham equipes femininas, a realidade ainda é dura: muitas precisam dividir o tempo entre os treinos e outros trabalhos para se manterem, ou seja, estão longe de serem consideradas profissionais na acepção da palavra, não podem “viver” dessa profissão. Ainda assim, seguem em campo, movidas pela paixão e pela vontade de mudar a história da modalidade.

Mais do que uma craque, Marta simboliza a força de tantas jogadoras que continuam batalhando para provar que o lugar da mulher é onde ela quiser – inclusive no topo do mundo.

E diante desse artigo e da história da jogadora Marta, fica claro o quanto a história dessas mulheres no esporte é marcada por desafios, mas, acima de tudo, por superação. Em um caminho repleto de preconceito, falta de apoio e desigualdade, elas não desistem. Pelo contrário, seguem firmes, enfrentando cada obstáculo com força e determinação. Mais do que buscar um lugar no futebol, lutam por respeito, reconhecimento e pelo direito de sonhar. Cada conquista delas não é apenas pessoal, mas representa um passo importante para todas as meninas que desejam um dia calçar as chuteiras e mostrar seu talento ao mundo.

O artigo “Deve ou Não Deve o *Football* Invadir os Domínios das Saias?”: Histórias do Futebol de Mulheres no Brasil (Almeida; Almeida, 2020), contou a história da luta das mulheres para jogar futebol no Brasil, desde os primeiros jogos no início do século XX até 1979, quando a proibição oficial foi revogada. Desde os primeiros registros de mulheres jogando futebol, em 1913, a modalidade enfrentou desafios. No começo, partidas entre mulheres eram vistas como algo curioso e eram aceitas quando aconteciam em eventos de caridade ou em circos. Mas, à medida que mais mulheres começavam a jogar de maneira mais séria, a sociedade reagiu de forma negativa. O futebol era visto como um esporte masculino, e muitas pessoas achavam que não combinava com a imagem da mulher ideal da época delicada, submissa e voltada para a família. Ou, conforme Goellner (2003) “Bela, maternal e Feminina”.

A década de 1930, segundo o texto, marcou o fortalecimento do futebol como símbolo da identidade nacional. Nesse contexto, o governo do Estado Novo (1937-1945), liderado por Getúlio Vargas, passou a enxergar o futebol de mulheres como uma ameaça. O argumento era que mulheres jogando futebol poderiam comprometer a moralidade da sociedade e até mesmo sua capacidade de serem mães. Essa visão culminou no Decreto-Lei nº 3.199/1941, que proibiu as mulheres de praticar esportes considerados “incompatíveis com sua natureza”, incluindo o futebol.

Assim como citado na introdução deste trabalho este artigo é um retrato fiel de como, por muito tempo, as mulheres foram impedidas de ocupar espaços no esporte simplesmente por serem mulheres. (Brasil, 1941). A ideia de que certos esportes seriam “incompatíveis” com a nossa natureza não tem base científica, mas sim cultural, e serviu apenas para limitar sonhos e oportunidades.

Se pensarmos bem, quantas atletas poderiam ter surgido antes, se não fosse por essa mentalidade? Quantas jogadoras, corredoras, lutadoras e tantas outras esportistas tiveram seu talento sufocado porque alguém decidiu que aquele esporte “não era para elas”?

Felizmente, o tempo mostrou que essa visão estava errada. Hoje, vemos mulheres brilhando em todas as modalidades, quebrando recordes, conquistando títulos e provando que lugar de mulher é onde ela quiser. Mas a luta ainda não acabou. Precisamos continuar incentivando e apoiando as mulheres no esporte, garantindo que nenhuma barreira seja cultural, estrutural ou financeira ou que as impeça de alcançar seus objetivos. Afinal, talento e determinação não têm gênero.

A partir desse momento de proibição, resistência do governo e os obstáculos enfrentados pelas mulheres, como aponta o artigo, jogar futebol passou a ser um ato de resistência para as mulheres. Muitas continuaram jogando, mesmo que de forma clandestina, e algumas competições aconteciam em espaços alternativos, como circos ou campos de várzea. Porém, os preconceitos aumentaram. A mídia reforçava a ideia de que mulheres que jogavam futebol eram pouco femininas, imorais ou até mesmo envolvidas em prostituição.

O artigo apresenta que mesmo perante a isso tudo a paixão pelo esporte falou mais alto. Nos anos 1950 e 1960, algumas cidades começaram a sediar partidas femininas novamente, mas elas eram tratadas mais como entretenimento do que como esporte de verdade. Durante a década de 1970, jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro começaram a jogar na praia, e a popularidade desses jogos fez com que a CBF começasse a ser pressionada a rever a proibição. Em 1979, a lei foi finalmente revogada, permitindo que as mulheres voltassem a jogar futebol de maneira oficial. Mas a luta não acabou ali.

De acordo com o artigo analisado apesar de finalmente poderem competir, as jogadoras enfrentavam um novo obstáculo: a exigência de serem "femininas". A mídia passou a destacar mais a aparência das jogadoras do que suas habilidades em campo, criando um novo tipo de pressão. O reconhecimento do futebol de mulheres veio com condições: as mulheres podiam jogar, desde que continuassem a cumprir padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade. Esse preconceito se arrasta até hoje, seja na falta de investimentos, na disparidade salarial em relação aos homens ou na dificuldade de conseguir espaço na mídia.

A conclusão apresentada nesse artigo, foi que a história do futebol de mulheres no Brasil não é só sobre o esporte é sobre resistência, superação e a luta das mulheres para ocupar um espaço que sempre lhes foi negado. Desde as primeiras jogadoras que enfrentaram o preconceito até as atletas de hoje que continuam batalhando por igualdade, o futebol de mulheres carrega uma trajetória de luta que ainda está sendo escrita.

E de fato a desigualdade de gênero se reflete também na forma como a história é contada, muitas vezes deixando as mulheres em segundo plano. Ao longo do tempo, a historiografia tem retratado os homens como protagonistas, enquanto as mulheres são colocadas em papéis secundários (Broch, 2020). A historiadora francesa Michelle Perrot destaca bem essa questão ao afirmar que:

O ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder

masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutivo. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral, tão assexuado quando a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da “História!”. (Perrot, 2017, p. 197).

A trajetória das mulheres no futebol é uma história de resistência e paixão pelo esporte. Desde os primeiros jogos registrados em 1913, elas enfrentaram preconceitos e barreiras que tentavam impedir sua participação. No Brasil, essa luta ficou ainda mais difícil quando, em 1941, uma lei proibiu oficialmente a prática do futebol de mulheres, sob a justificativa de que era "incompatível com a natureza feminina", como dito nesse artigo. Mas isso não foi suficiente para suprimir a vontade de jogar. Mesmo sem apoio, muitas continuaram em campos de várzea, praias e até circos, desafiando as regras impostas e mostrando que futebol não tem gênero.

Os papéis destinados às mulheres ainda são definidos perpassando por um caráter sempre de submissão à figura masculina, isso inclui o mundo do esporte também. Inicialmente a prática de esportes pelas mulheres era permitida apenas para aqueles desportos que eram compatíveis com a estrutura feminina, gerando assim uma limitação na prática esportiva e por consequência um distanciamento do futebol (Broch, 2020). E Goellner (2005) ainda afirma

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição. (Goellner, 2005, p. 145)

Segundo o artigo quando a proibição foi finalmente revogada em 1979, a luta ainda estava longe de acabar. O preconceito persistia, agora em novas formas: além da falta de investimento e da desigualdade salarial, as jogadoras passaram a ser cobradas para manter uma aparência "feminina" e um comportamento que se encaixasse nos padrões da sociedade. Mesmo assim, elas seguiram firmes, abrindo caminho para novas gerações e provando seu valor dentro de campo. Hoje, o futebol de mulheres cresce e conquista cada vez mais espaço, mas a batalha pela igualdade continua. E se tem algo que essa história ensina, é que nenhuma barreira foi ou será capaz de impedir as mulheres de jogar o que amam.

O quarto artigo: Mulheres e Futebol no Brasil: Descontinuidades, Resistências e Resiliências, escrito por Goellner (2021) também aborda a temática tratada no artigo anteriormente analisado. Apresenta que desde que o futebol chegou ao Brasil, as mulheres tentaram jogar, mas encontraram barreiras. Nos anos 1930 e 1940, médicos e autoridades diziam que o esporte não era adequado para o corpo de mulheres. Essa visão se tornou lei em 1941, quando o governo proibiu as mulheres de praticar esportes considerados "incompatíveis com sua natureza". Mesmo com essa proibição, elas não desistiram. Continuaram jogando de maneira clandestina, organizando partidas informais e, muitas vezes, sendo ridicularizadas pela sociedade. Algumas mulheres se manifestaram publicamente contra essa injustiça, mas por muito tempo, o futebol de mulheres ficou nas sombras.

O artigo destaca que em foi só em 1979 que a proibição foi oficialmente derrubada. No entanto, o fim da lei não significou um caminho fácil para as jogadoras. O futebol de mulheres ainda era tratado com descaso e desconfiança, com regras diferentes, menor tempo de jogo e pouca estrutura. Na década de 1980, as primeiras competições começaram a surgir, como a Taça Brasil de Futebol de Mulheres. Em 1991, o Brasil participou da primeira Copa do Mundo Feminina, mas sem apoio suficiente, a seleção teve dificuldades para competir em alto nível.

A partir dos anos 2000, como aponta o texto, o futebol de mulheres brasileiro brilhou internacionalmente. Jogadoras como Marta, Formiga e Cristiane levaram o Brasil a finais de Copa do Mundo e conquistaram a medalha olímpica. O país se tornou uma potência no esporte, mas, mesmo assim, o apoio financeiro e estrutural continuou precário. As atletas passaram a cobrar mudanças. Em 2017, a demissão de Emily Lima, primeira mulher a treinar a seleção, gerou revolta, levando algumas jogadoras a se recusarem a voltar à seleção. Em 2020, a CBF anunciou a equiparação das premiações entre seleções masculinas e femininas, um marco importante, mas que ainda não resolve todos os problemas.

O artigo mostra que o futebol de mulheres no Brasil sempre caminhou entre altos e baixos. Apesar da luta constante, ainda há muitos desafios, como a falta de campeonatos de base, a desigualdade de salários e a pouca visibilidade na mídia. Mas uma coisa é certa: as mulheres nunca deixaram de jogar futebol. E é essa paixão que continua transformando o cenário, abrindo caminhos para as novas gerações e garantindo que o futebol de mulheres tenha cada vez mais espaço e reconhecimento.

Segundo Kessler (2012), o futebol masculino tem se fortalecido cada vez mais no Brasil, ganhando espaço e se profissionalizando. Já o futebol de mulheres ainda enfrenta muitos desafios, a falta de estrutura, pouco apoio governamental dificultam o crescimento da modalidade. Muitas jogadoras vivem de ajudas financeiras, sem salários fixos ou contratos formais, enquanto os clubes buscam parcerias, muitas vezes com a prefeitura, para manter as atividades.

Todas essas barreiras ainda englobam o preconceito, pois continua sendo um dos principais obstáculos, refletindo uma visão histórica que as coloca à margem do esporte, com a ideia de que possuem um corpo frágil e delicado. Essa mentalidade, enraizada há décadas, ainda se manifesta em atitudes sexistas que dificultam a participação feminina, não só no futebol, mas também em outros espaços da sociedade.

Hoje, passados mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estadonovista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo - "coisa de homem", lembremos; ao mesmo tempo, outras enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se afirmar dentro dos gramados, com a bola nos pés. Seja como for, para todas elas o país do futebol assume forma bem diversa daquela consagrada no senso comum: para as primeiras, tal país é um lugar muito distante; para as demais, um lugar de exílio (Franzini. 2005. p. 325).

Tal preconceito existe também nas áreas de destaque internamente nos clubes de futebol em suas gestões. Um número grande da figura masculina é encontrado nos cargos importantes dentro de um clube de futebol. A exclusão das mulheres é manifestada de diversas maneiras, como por exemplo a segregação, as afastando e distanciando, a discriminação, ao negar recursos cabíveis a elas.

E mesmo com esse cenário caótico as mulheres seguem firmes lutando para garantir seu espaço. Como mostra Goellner (2021), essa persistência foi essencial para manter vivo o sonho de jogar futebol. Quando a proibição foi revogada, em 1979, os desafios continuaram: pouca estrutura, falta de apoio e regras que tratavam o futebol de mulheres como algo inferior. Mas as jogadoras não se deixaram abalar. A cada jogo, a cada torneio disputado, elas provaram que estavam ali para ficar.

Com o tempo, essa resistência começou a dar frutos. Ainda há muito a ser feito, como reduzir a desigualdade salarial e garantir mais visibilidade ao esporte, mas a história do futebol de mulheres mostra que nada foi capaz de parar essas mulheres. Elas nunca aceitaram limites impostos e seguem transformando o jogo, abrindo caminho para as próximas gerações.

O artigo Mulheres Futebolistas: Debate sobre Violência e Moral Durante o Estado Novo Brasileiro, elaborado por Almeida (2022) mais uma vez traz à tona a temática da resistência das mulheres perante a proibição de jogarem futebol e conta a história das mulheres que ousaram desafiar as regras da sociedade brasileira ao jogar futebol entre as décadas de 1910 e 1940. O artigo mostra como o futebol de mulheres foi crescendo aos poucos, despertando curiosidade e admiração, mas também enfrentando um forte movimento de repressão e preconceito, culminando na proibição oficial da modalidade em 1941.

O texto aponta, que desde os primeiros registros de mulheres jogando futebol no Brasil, na década de 1910, havia uma mistura de entusiasmo e estranheza. A ideia de mulheres correndo atrás da bola, disputando espaço e marcando gols parecia moderna e até divertida para alguns, mas para outros, era um escândalo. A imprensa, por exemplo, ora exaltava os jogos de mulheres, ora os criticava duramente, dizendo que aquilo era "desrespeitoso" e "impróprio" para o sexo feminino. Conforme os anos passaram e mais mulheres começaram a se organizar em times e disputar partidas, as críticas cresceram.

Ele ainda aponta que o futebol era um esporte visto como "violento" e "masculino", e muitos médicos, jornalistas e religiosos passaram a dizer que ele poderia fazer mal às mulheres. Os argumentos contra o futebol feminino se apoiavam em três principais pilares: saúde - diziam que a prática do futebol poderia prejudicar o corpo feminino, especialmente sua capacidade de ter filhos. A moralidade: acreditavam que usar calções e correr em campo não era "coisa de moça de família". E o papel Social: o lugar da mulher deveria ser no lar, e não nos gramados disputando espaço com os homens. (Almeida, 2022).

Conforme é apontado no artigo de Almeida (2022) na virada da década de 1930 para 1940, o futebol de mulheres começou a ser reprimido com mais força. A polícia fechava clubes e impedia jogos, com acusações de que os times de mulheres eram uma "porta de entrada" para a prostituição. A pressão foi tão grande que, em 1941, o governo de Getúlio Vargas assinou um decreto proibindo a prática de esportes considerados "incompatíveis com a natureza feminina", incluindo o futebol. A proibição ficou em vigor por quase 40 anos, tornando o Brasil um dos países que mais atrasaram o desenvolvimento do futebol de mulheres. Durante esse tempo, as mulheres continuaram jogando escondidas, resistindo à repressão e mantendo viva a paixão pelo esporte. Apenas em 1979 a proibição foi revogada, mas os impactos desse período são sentidos até hoje, e o artigo destaca bem esse aspecto.

O artigo concluiu e mostrou que a proibição do futebol de mulheres no Brasil não foi apenas sobre o esporte, mas sobre controle social e machismo. As mulheres que queriam jogar futebol não eram apenas atletas, mas desafiadoras de um sistema que queria definir onde elas podiam estar e o que podiam fazer. Mesmo após a revogação da proibição, a luta por igualdade no futebol continua e cada gol marcado por uma jogadora hoje carrega a história de muitas que vieram antes, batalhando para abrir caminho.

Esses últimos dois artigos analisados abordam a trajetória do futebol de mulheres no Brasil, destacando desafios, resistência e conquistas das jogadoras. Ambos ressaltam a proibição imposta pelo Decreto-Lei nº 3.199/1941 e a persistência das mulheres em jogar clandestinamente, transformando o esporte em um ato de resistência. Enquanto Almeida e Almeida (2020) se concentram na fase de proibição e nas barreiras culturais enfrentadas pelas atletas, Goellner (2021) amplia a análise, incluindo a institucionalização do futebol de mulheres, as dificuldades estruturais e as conquistas recentes, como a participação do Brasil em competições internacionais e a luta por melhores condições.

Diferentemente do primeiro artigo, que explora o papel da mídia na marginalização das jogadoras, o segundo texto enfatiza a negligência institucional e as pressões exercidas pelas atletas para obter melhorias, como a equiparação de premiações em 2020. Ambos, no entanto, concluem que a história do futebol de mulheres é marcada por luta e superação, reforçando a necessidade de continuar buscando igualdade no esporte.

O futebol de mulheres no Brasil tem sido uma verdadeira batalha contra o preconceito e a repressão. Desde que as mulheres começaram a jogar nas primeiras décadas do século XX, elas enfrentaram uma sociedade que as via com estranheza e desprezo. A ideia de mulheres correndo atrás da bola, disputando espaços no campo, parecia uma afronta para muitos, que acreditavam que isso era “coisa de homem”. Mesmo quando as jogadoras começavam a conquistar um público, a reação da sociedade era impiedosa. A imprensa se dividia entre elogios e críticas duras, tratando o futebol de mulheres como algo imoral e prejudicial à saúde da mulher. E quando a repressão se intensificou nas décadas de 1930 e 1940, o governo de Getúlio Vargas decretou a proibição do esporte em 1941, um golpe profundo no movimento.

Um exemplo nítido que pode ser citado em relação a esta “coisa de homem”, é o poder da gestão ser voltada entorno da figura masculina. O Comitê Esportivo da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL, 2013) de 2011-2015 ser composta por homens, assim como representantes e presidentes.

Figura 1 – Reunião do Comitê Executivo da CONMEBOL



Fonte: CONMEBOL (2012).

Assim, fica explícito que a política de igualdade de gêneros proclamada nos programas de desenvolvimento do futebol feminino carece de eficácia dentro da própria entidade, revelando que o discurso politicamente correto, como sobre igualdade de gênero, muitas vezes é apenas uma fachada de compromisso social (Souza Júnior, 2013). Mostrando novamente como estão presentes esses obstáculos e a cada momento a resistência tem que continuar e conseguir se sobressair, para que a mulher ocupe o espaço dela.

O que se vê nos estudos de Almeida (2022) e Goellner (2021) é que essa resistência vai além do campo. O futebol de mulheres no Brasil não foi apenas uma luta pelo direito de jogar, mas um ato de desafio ao controle social e à ideia de que a mulher tinha um lugar definido na sociedade. Almeida foca nas dificuldades culturais da época, mostrando como as jogadoras enfrentaram o peso de um mundo que as queria fora dos campos, enquanto Goellner traz a reflexão sobre as dificuldades estruturais e as vitórias mais recentes, como a luta pela igualdade nas premiações. Juntas, essas análises revelam uma história de resistência, onde cada gol marcado pelas jogadoras carrega a memória de muitas que vieram antes, desafiando um sistema que tentava silenciá-las. A luta por igualdade no futebol continua, mas o caminho foi pavimentado pela coragem dessas mulheres, que até hoje inspiram as novas gerações.

O artigo A Representatividade Feminina na Estrutura Organizacional dos Clubes de Futebol Brasileiros de autoria de Oliveira; Ferreira; Fabrício; Borba (2019), apresenta como o futebol uma paixão nacional, mas quando olhamos para os bastidores dos clubes brasileiros, a presença feminina ainda é tímida. O estudo investigou exatamente isso: quantas mulheres ocupam cargos de decisão nos clubes de futebol do Brasil? A resposta, infelizmente, é que ainda somos minoria.

O texto apontou os 40 melhores clubes classificados no *Ranking* Nacional de Clubes 2019 da CBF e levantou dados sobre a presença feminina em seus Conselhos e Diretorias. O resultado? Apenas 3,79% dos membros dos órgãos estatutários dos clubes são mulheres. Em alguns casos, nenhuma mulher faz parte da gestão. A Diretoria é o setor onde as mulheres aparecem mais (6%), mas quase sempre em cargos ligados à parte social do clube, e não ao futebol em si. No Conselho Deliberativo, que tem muitos membros, as mulheres representam apenas 4%. Os Conselhos Administrativo e Consultivo não têm nenhuma mulher. Além disso, 11 clubes não tinham sequer uma representante feminina, incluindo o Flamengo, que já teve uma mulher na presidência no passado.

O artigo por outro lado, apresentou exceções: a Ponte Preta se destaca com 36 mulheres no Conselho Deliberativo. O Fortaleza tem 10% de participação feminina entre seus membros estatutários. As poucas mulheres que ocupam esses espaços não estão lá por acaso. Entre as 154 mulheres identificadas com formação acadêmica, 37% atuam na área de gestão e direito, ou seja, elas estão qualificadas para liderar. Também há mulheres de outras áreas, como saúde, comunicação, engenharia e até atletas aposentadas. Mas um dado curioso chama atenção: em alguns clubes, muitas mulheres na gestão são parentes de outros dirigentes. Isso levanta uma questão: essas mulheres estão ali por mérito ou por redes de relacionamento dentro do clube?

Mesmo com os avanços dos últimos anos, a gestão esportiva ainda é um espaço majoritariamente masculino. Historicamente, o futebol foi visto como "coisa de homem", e essa mentalidade se reflete até hoje nos bastidores dos clubes. Além disso, muitos times que possuem mulheres na gestão são clubes com sede social, como Palmeiras e Cruzeiro. Isso sugere que, mesmo quando estão na administração, as mulheres ainda são direcionadas a áreas ligadas ao clube social e não ao futebol profissional.

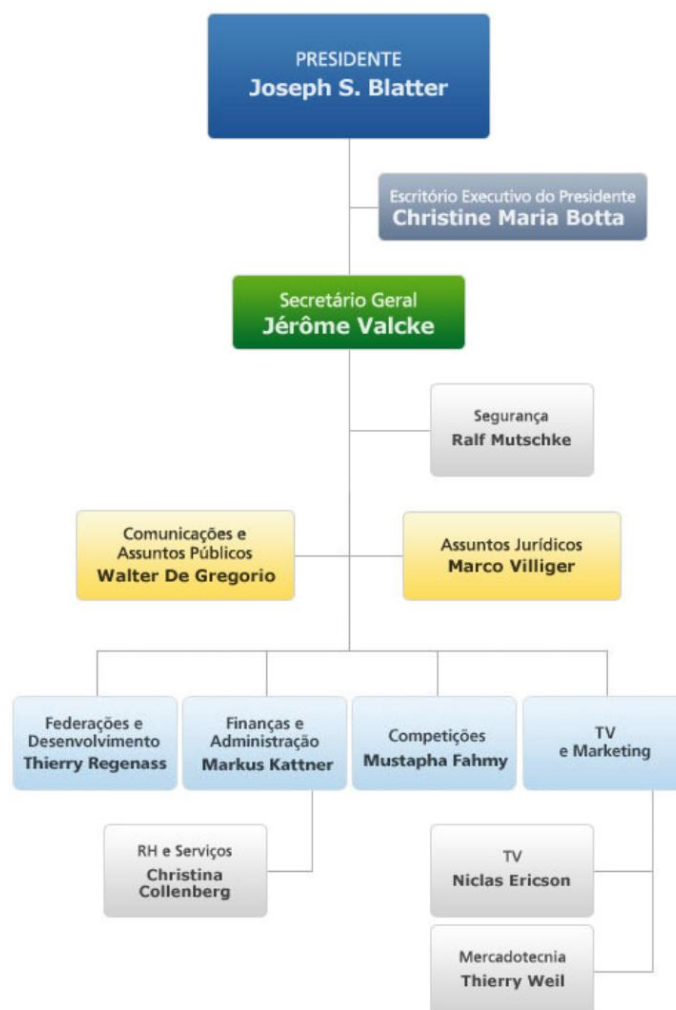
O estudo mostra que as mulheres estão entrando na gestão dos clubes, mas de forma muito lenta e desigual. Algumas ações que podem ajudar nessa mudança incluem criar programas para incentivar e preparar mulheres para cargos de gestão no esporte.

Estabelecer políticas de diversidade nos clubes. Garantir que as mulheres tenham espaço não apenas na área social, mas também no comando do futebol.

A pesquisa também sugere que seria interessante comparar essa realidade com clubes de outros países para entender como a representatividade feminina pode ser fortalecida. O Brasil é conhecido como o "país do futebol", mas para as mulheres, esse ainda é um território a ser conquistado dentro e fora de campo. No final das contas, essa pesquisa nos faz refletir sobre: o que falta para vermos mais mulheres no comando do nosso esporte favorito?

É possível analisar, assim como citado na introdução deste trabalho, todo o processo que o futebol feminino enfrenta, a desigualdade em termos de apoio e visibilidade em relação ao masculino, porém é possível ver que na trajetória tem ocorrido um crescimento de pequenas conquistas para ocupar esse cenário esportivo, tanto nacionalmente, quanto mundialmente. (Bagno, 2014).

Esse estudo revela que, apesar do futebol ser considerado uma paixão nacional, as mulheres ainda estão longe de ocupar o espaço que merecem nos bastidores dos clubes, mostrando mais uma vez a presença marcante na desigualdade de gênero. Um exemplo relevante sobre esse tema é a gestão da FIFA em 2012, que representou um dos raros casos de inclusão feminina em cargos de liderança. No entanto, a figura central ainda era masculina, com Joseph Blatter como presidente. As duas mulheres presentes no alto escalão eram Christine Maria Botta, que atuava no escritório executivo da presidência, provavelmente em um papel de secretariado uma função tradicionalmente atribuída às mulheres, e Christina Collenberg, que ocupava um cargo na área de Recursos Humanos e serviços, outro setor frequentemente associado ao público de mulheres.

Figura 2 – Organograma administrativo da FIFA

Fonte: FIFA, 2013.

Sobre o futebol masculino, eles recebem grandes investimentos, patrocínios, infraestrutura de qualidade e altos salários, o futebol de mulheres segue lutando por seu espaço. Apesar dos avanços, ainda enfrenta desafios e permanece em segundo plano.

No entanto, apesar destes significativos avanços, ainda é precária a estruturação da modalidade no país pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem e o seu comportamento (Goellner, 2005, p. 149).

A luta das mulheres para conquistar seu espaço no futebol é extremamente significativa quando olhada de uma perspectiva de gênero, que leva em conta o longo e desafiador percurso das atletas. O caminho delas vai além da busca por um sonho ou pela vitória em um campeonato. Ele envolve enfrentar um obstáculo profundo, que está enraizado na sociedade brasileira: a desigualdade de gênero.

O ambiente em que o futebol se desenvolve ainda é um espaço misógino e isso faz com que seja necessária a discussão acerca do que esse local simboliza. Pois através do futebol ainda são expressos muitos preconceitos de gênero, de raça, de nacionalidade, orientação sexual etc. A xenofobia, o sexismo, a homofobia, o racismo são formas de preconceito que estão entranhadas no tecido social e acabam por afetar de modo extremamente negativo a coexistência humana. O esporte nesse sentido deve ser um instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e discriminação. (Manera; Carvalho 2018, p. 5).

Apesar das dificuldades, a pesquisa aponta que, para que a representatividade feminina avance de forma significativa, é essencial criar programas que incentivem e preparem as mulheres para ocupar cargos de liderança no futebol, garantindo que elas possam atuar não apenas nas áreas sociais, mas também nas decisões sobre o futebol profissional, transformando de fato o cenário.

4- Conclusão

Ao finalizarmos este Trabalho de Conclusão de Curso podemos afirmar que conseguimos atingir o objetivo inicialmente traçado, ou seja, analisar a produção acadêmica sobre a profissionalização do futebol de mulheres no Brasil. Os artigos aqui analisados foram localizados nas plataformas *Google Acadêmico* e *SciELO*. Num primeiro momento identificamos 270 textos, após a realização da seleção do material foram selecionados 6 textos, os quais foram submetidos à análise considerando as seguintes categorias: estigmatização, superação, resistência, lutas, desafios, desigualdade de gênero. como descrito ao longo do trabalho.

A partir das análises que fizemos podemos afirmar que o futebol de mulheres tem avançado, mas o caminho ainda é permeado por desafios que exigem muita coragem e determinação das jogadoras. Cada passo que elas dão é uma prova de superação, enfrentando barreiras e obstáculos com uma força impressionante. Esses desafios podem ser vistos em muitos aspectos de suas jornadas na profissionalização do futebol de mulheres. Por muito tempo, o futebol foi considerado um "esporte de homens", e as mulheres que decidiram jogá-lo tiveram que lidar com estigmas e preconceitos. Muitas vezes, elas são pressionadas a seguir certos padrões de feminilidade para serem aceitas, o que limita suas oportunidades e afeta a forma como são vistas dentro do esporte. Mesmo assim, elas seguem em frente, quebrando essas barreiras e lutando por seu lugar como profissionais na área.

De maneira geral os textos apontam que a jornada das jogadoras é, acima de tudo, uma história de superação. Elas não só enfrentam a falta de apoio, mas também lidam com o preconceito em muitas formas. E mesmo com tudo isso, continuam a batalhar, a buscar seu espaço e a exigir o reconhecimento que merecem. Cada conquista é uma vitória que reflete a força de vontade e a paixão que elas têm pelo futebol. Quando olhamos para a história do futebol de mulheres, percebemos como a luta das mulheres no esporte tem sido constante. Elas enfrentaram proibições, resistências sociais e falta de apoio, mas nunca desistiram de jogar. Essa batalha não foi apenas para conquistar um espaço no campo, mas também para obter respeito e igualdade dentro do próprio futebol.

A partir da leitura dos textos identificamos que persistência é a palavra que define as jogadoras. Mesmo diante de tantas dificuldades, seguem firmes, se adaptando, se reinventando e mantendo o sonho da profissionalização vivo. Elas não param. Continuam buscando, com garra, o seu lugar no futebol profissional. Mas os desafios vão além do

que acontece dentro de campo. Muitas vezes, as jogadoras lidam com uma sociedade que ainda as vê como "fora de lugar" e um sistema esportivo que prioriza muito mais os homens. Mesmo com todos esses obstáculos, elas não desistem da paixão que têm pelo esporte. Prosseguem lutando pelo direito de jogar, por um lugar digno e pelo reconhecimento que merecem. E a desigualdade também se reflete nas esferas de poder. A falta de representatividade feminina nos cargos de decisão dentro dos clubes e federações é uma realidade dura, e isso reflete a disparidade entre homens e mulheres no futebol. A dificuldade de as mulheres ocuparem esses espaços de poder é um reflexo das barreiras ainda existentes para alcançar a igualdade no esporte.

Para realmente promover a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das jogadoras, é fundamental agir de forma prática e em diversas frentes. Isso implica pensar em políticas de inclusão, maior investimento em infraestrutura para o futebol de mulheres e uma maior valorização e visibilidade das atletas. As pesquisas aqui apresentadas apontam que é necessário mais do que boas intenções: é preciso investimento financeiro, estruturação de campeonatos e programas que ajudem no desenvolvimento das jogadoras desde as categorias de base até o profissional.

Após análise que procedemos é possível afirmar que, sem dúvida, o futebol de mulheres é marcado por lutas constantes, mas também por algumas vitórias. A figura feminina está escrevendo uma nova história para o esporte, em especial o futebol, e com mais apoio e ações práticas, a igualdade no futebol de mulheres não é apenas um desejo, mas uma realidade ainda distante, mas cada vez mais possível. A mudança está acontecendo, e a força dessas mulheres é a prova de que o futuro da profissionalização do futebol de mulheres será cada vez mais brilhante.

5- Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. **Lusotopie**, v. XVIII, n. 1, 2019, p. 95-118. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lusotopie/3844>. Acesso em: 13 jan. 2025.

ALMEIDA, Caroline Soares de; ALMEIDA, T. R. de. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: histórias do futebol de mulheres no Brasil. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 31, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30645>. Acesso em: 22 dez. 2024.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Dispõe sobre a organização dos desportos no Brasil. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 16 abr. 1941, p. 7453. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 14 abril. 2025.

CHAMUSCA, Fernanda. O Futebol Feminino e as Novas Normativas de Proteção à Mulher Atleta. **Coluna Jus Desportiva**, Instituto Brasileiro de Direito Desportivo São Paulo, 06/maio. 2022. Disponível em: <https://ibdd.com.br/o-futebol-feminino-e-as-novas-normativas-de-protecao-a-mulher-atleta/?v=19d3326f3137#>. Acesso em 16 fev. 2025.

DETONI, Heloísa Occhi; AGGIO, Marina Toscano; FIGUERÔA, Katiúscia Mello, Futebol Feminino Brasileiro e as Dificuldades Encontradas Nesse Subcampo Esportivo, *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22, 2021, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: CBCE, 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2014.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades – Revista de História**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./jun. 2021. ISSN 1984-6150. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283>. Acesso em: 22 dez. 2024.

BURCH, Martina; KESSLER, Cláudia Samuel. Família, suor e lágrimas: o início de uma (possível) trajetória de profissionalização para jogadoras de categorias sub-15 e sub-17 de um clube do Rio Grande do Sul. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, e81858, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422021000100234&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 dez. 2025.

CONMEBOL. **El Comité Ejecutivo**. Disponível em: http://www.conmebol.com/pages/Comite_ejecutivo.html. Acesso em: 07/03/2025.

FERREIRA, Nicollas. **O que a gravidez em atletas de alto nível ensina às futuras mães**. São Paulo: Editora: UOL. 2020. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/01/16/o-que-a-gravidez-em-atletas-de-alto-nivel-ensina-as-futuras-mamaes.htm>. Acesso em: 08/02/2025.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, Materna e Feminina: imagens da mulher na **Revista de Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.152 p. 221 - 223 (Coleção educação física).

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>. Acesso em: 07/03/2025.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de **Futebol como Projeto Profissional de Mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. Campinas. p. 217-218. 2013

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol, é masculino? **Sociologias Plurais**. n. especial 1, p. 240-254, 2012.

MONCAU, Gabriela. **Brasil de Fato: A última Copa da Rainha: conheça a história de Marta, a melhor jogadora de todos os tempos**. São Paulo, 23/jul.2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/23/a-ultima-copa-da-rainha-conheca-a-historia-de-marta-a-melhor-jogadora-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 19/02/2025.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2017**. Organizado por Débora Macedo da Silveira Manera e Marcelo Medeiros Carvalho. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2018.

O GLOBO ESPORTES, **Jogadoras de Time Feminino da Espanha Fazem Ensaio Sensual com Pouca Roup**a, Rio de Janeiro, 13/jan.2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/jogadoras-de-time-feminino-da-espanha-fazem-ensaio-sensual-com-pouca-roupa-18461911>. Acesso em: 19/02/2025.

OLIVEIRA, M. C. de; FERREIRA, D. M.; FABRÍCIO, S. A.; BORBA, J. A. A representatividade feminina na estrutura organizacional dos clubes de futebol brasileiros. In: USP *Internacional Conference in Accounting*, 19, 2019, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2019.

PATAH, Rodrigo. **Pesquisa exploratória**: entenda o que é e como obter *insights* com ela. 10 jan. 2023. Disponível em: <https://mindminers.com/blog/o-que-e-pesquisa-exploratoria/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e terra, 2017, p. 197-249.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/75dKnwwgPzVs4dWVQWHBfWF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 559-569, out./dez. 2015.